

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR LATINO-AMERICANO-IESLA

CURSO DE PSICOLOGIA

GABRIELY CAROLINE NUNES CAMPOS FRANÇA

TABUS E EXPECTATIVAS: A Influência da Sociedade na Sexualidade Feminina e
na Desigualdade do Prazer

Belo Horizonte

2025

Gabriely Caroline Nunes Campos França

TABUS E EXPECTATIVAS:A Influência da Sociedade na Sexualidade Feminina e na Desigualdade do Prazer

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Instituto de Educação Latino Americano- IESLA no curso de Psicologia, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Psicologia.

Orientadora: Profa. Sara Fonseca

Belo Horizonte

2025

*A Deus, que me amou sem limites,
Ao meu pai, que me ensinou a amar com
ternura,
À minha mãe, que me ensinou a amar com
coragem,
Ao meu marido, que me ensinou a amar
com presença,
E à minha família e amigos, que são com
quem o amor encontra morada.*

AGRADECIMENTOS

Agradecer é costurar a memória com fios de gratidão. Este trabalho não é só meu — é feito de tantas mãos, vozes, silêncios e afetos que me atravessaram e me construíram.

A Deus, meu primeiro e maior sustento, minha fonte inesgotável de força, luz e direção. Foi Ele quem, em Sua infinita sabedoria, me enviou para esta jornada, e, a cada passo, me ensinou a confiar, perseverar e acreditar no chamado que colocou em meu coração.

À minha mãe, que me ensinou as primeiras palavras, as primeiras letras — e com elas, o mundo. Que me ensinou que firmeza também é cuidado, que força também é ternura.

Ao meu pai, que me ensinou a sentir com inteireza e amar com delicadeza. Me ensinou a sonhar e a amar sem limites, e que, mesmo após sua partida, segue presente em mim, em cada conquista e em cada esperança renovada.

Os dois, que, cada um à seu modo, me ensinaram que há caminhos que só se percorrem com fé — e que contar com Deus é mais que pedir, é confiar. O casamento deles, celebrado e vivido por 25 anos, foi e continua sendo para mim inspiração: me fez acreditar no amor dos sonhos, dos contos, das novelas, mas, sobretudo, no amor da Bíblia — aquele que se doa, que se nutre e que, com paciência e entrega, constrói uma família forte.

À minha irmã, que foi abrigo em tantas formas, que me ouviu até quando eu não sabia dizer, e que me ensinou que compreender é também amar em silêncio. Da mesma forma que, quando crianças, me acolhia no canto da sua cama em noites difíceis, me acolhe assim até hoje, abrindo espaço e afeto na sua vida para mim, sendo presença firme e amorosa em todos os momentos.

Ao meu marido, meu companheiro de vida, que chegou no meio dessa caminhada e, desde então, permaneceu ao meu lado, partilhando comigo os desafios, as renúncias, as conquistas e os aprendizados desta trajetória. Este trabalho é também sobre nós e sobre como, juntos, vencemos dores e traumas, transformando cicatrizes em força e superação.

À minha professora e orientadora, Sara, que me acolheu com generosidade, me compreendeu e me guiou neste percurso acadêmico com sabedoria, paciência e sensibilidade, sendo um apoio essencial para a concretização deste trabalho.

À Pri, que acreditou antes de tudo florescer, que investiu não apenas com apoio, mas com alma. Foi sementeira no início de tudo.

Aos meus pais espirituais Carlos e Dani Damasceno, que me enxergaram quando eu ainda me buscava. Que plantaram coragem quando eu só tinha dúvida. Que sopraram vida e missão sobre mim com a fé que atravessa o tempo. Quando minhas próprias forças pareciam insuficientes, foram eles que me lembraram, com fé e amor, que havia um propósito maior me esperando.

Aos meus amigos e à minha família, que foram riso, ombro, respiro — com quem pude ser inteira, sem moldes, sem medo.

Agradeço às professoras Fernanda e Letícia por aceitarem ler este trabalho e pelas contribuições que ajudaram a torná-lo melhor. Sou grata pela atenção e disponibilidade de ambas.

A todos que, de algum modo, fizeram morada em mim nessa caminhada, meu mais profundo e sincero obrigado.

Este trabalho é também sobre vocês. Sobre tudo que senti, vivi, ouvi e fui. E sobre tudo o que, com vocês, ainda serei.

*“O amor não se impõe, assimila-se na liberdade de quem sabe fazer renúncias e
a esperar para que haja um bem maior.”*

Gilmar Diniz Campos

RESUMO

Este trabalho aborda a influência da sociedade na sexualidade feminina, com ênfase na desigualdade do prazer sexual entre homens e mulheres. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que busca compreender os fatores psicossociais que moldam as percepções sobre a sexualidade feminina, evidenciando como esses elementos contribuem para a disparidade na vivência do prazer. A análise da literatura permitiu identificar que aspectos históricos, culturais, educacionais e emocionais sustentam essa desigualdade, impactando negativamente a saúde mental e a qualidade de vida das mulheres. Os resultados apontam para a necessidade de uma educação sexual mais inclusiva e de intervenções psicoterapêuticas que promovam o empoderamento e a autonomia feminina. Conclui-se que a discussão sobre sexualidade feminina deve ultrapassar o enfoque patológico, reconhecendo o prazer como um direito fundamental para o bem-estar emocional e para relações interpessoais mais equitativas.

Palavras-chave: sexualidade feminina; prazer; psicologia; desigualdade de gênero; educação sexual.

ABSTRACT

This study addresses the influence of society on female sexuality, with an emphasis on the inequality of sexual pleasure between men and women. It is a bibliographic study that aims to understand the psychosocial factors that shape perceptions of female sexuality, highlighting how these elements contribute to disparities in the experience of pleasure. The literature review identified that historical, cultural, educational, and emotional aspects sustain this inequality, negatively affecting women's mental health and quality of life. The findings indicate the need for more inclusive sexual education and psychotherapeutic interventions that promote female empowerment and autonomy. It is concluded that the discussion on female sexuality should go beyond a pathological focus, recognizing pleasure as a fundamental right for emotional well-being and more equitable interpersonal relationships.

Keywords: female sexuality; pleasure; psychology; gender inequality; sexual education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REFERENCIAL TEÓRICO	12
3 METODOLOGIA.....	15
3.2 Procedimentos de Coleta de Dados:	15
3. 2 Análise dos Dados:	16
4 RESULTADOS	18
5 DISCUSSÃO	21
6 CONCLUSÃO	25
REFERÊNCIAS	27

1 INTRODUÇÃO

A sexualidade feminina é um campo de investigação que, embora tenha ganhado maior visibilidade nas últimas décadas, ainda é permeado por tabus, estereótipos e lacunas na compreensão sobre o prazer, sobretudo no que se refere à desigualdade nas experiências sexuais entre homens e mulheres. Essa disparidade reflete um fenômeno cultural e social historicamente construído, marcado pela repressão dos desejos femininos e pela priorização do prazer masculino (VIEIRA, 2016). O presente estudo, de caráter bibliográfico, tem como objetivo investigar como os discursos sociais e a falta de uma educação sexual inclusiva contribuem para a manutenção dessas desigualdades, reforçando a importância de reconhecer o prazer como um direito humano fundamental (Souza, 2019; Lopes, 2020).

O desequilíbrio do prazer entre homens e mulheres é um fenômeno conhecido, mas pouco explorado em suas sutilezas e consequências, particularmente no cenário da sexualidade atual. Embora a literatura sobre sexualidade tenha avançado significativamente, as diferenças nas experiências de prazer sexual permanecem um tema marginal, que carece de uma avaliação crítica mais profunda. Estudos indicam que as representações sociais sobre a sexualidade da mulher, muitas vezes, restringem sua autonomia e o pleno exercício de seus direitos sexuais, perpetuando relações desiguais e impactando negativamente sua saúde emocional e qualidade de vida (NUNES; ALMEIDA; COSTA, 2017; LOPES, 2020).

De acordo com Rodrigues (2021), muitas mulheres ainda desconhecem aspectos importantes de sua própria sexualidade, o que interfere na manifestação de seus desejos e necessidades sexuais. Além disso, a educação sexual tradicionalmente ofertada tem sido insuficiente para promover um entendimento inclusivo sobre a sexualidade feminina. Focada majoritariamente na prevenção de doenças e na função reprodutiva, essa abordagem negligencia dimensões essenciais como o prazer e o autoconhecimento, fatores imprescindíveis para uma vivência sexual saudável (CARVALHO; AMARAL, 2019).

Estudos como os de Nobre e Pinto (2018) e Silva (2019) indicam que a sexualidade feminina ainda é cercada por tabus e lacunas na compreensão sobre o prazer, o

que leva à perpetuação de desigualdades nos relacionamentos íntimos. Segundo Costa (2020), essa disparidade é exacerbada pela falta de uma educação sexual inclusiva que valorize as experiências femininas. Além disso, os estereótipos de gênero perpetuam a ideia de que o prazer masculino deve ser priorizado, como evidenciado por estudos de Oliveira e Marques (2021). Para além da esfera pessoal, as implicações desse desequilíbrio reverberam na saúde mental e no bem-estar emocional das mulheres, demandando uma análise mais detalhada e intervenções práticas (CARVALHO, 2022).

Existe a disparidade do prazer sexual entre homens e mulheres e esse estudo busca entender a sexualidade feminina, especialmente a satisfação sexual. Portanto, quais os fatores psicossociais que influenciam na disparidade e afetam a saúde emocional e a qualidade de vida das mulheres?

O presente estudo tem como objetivo investigar os fatores psicossociais que influenciam a desigualdade do prazer sexual entre homens e mulheres. Para alcançar esse objetivo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, metodologia que possibilita a análise e a síntese de conhecimentos já consolidados, bem como a identificação de lacunas e avanços na literatura sobre o tema (GIL, 2019).

Esta questão implica a análise das lacunas no entendimento acerca da sexualidade feminina, considerando o efeito dos tabus sociais, a educação sexual insuficiente e as expectativas culturais em relação ao prazer. Adicionalmente, procura-se entender como essas disparidades afetam a autoestima, a satisfação nas relações e a procura por intervenções psicológicas apropriadas.

A escolha deste tema se justifica pela necessidade de ampliar o debate acadêmico e social acerca da sexualidade feminina, propondo uma reflexão crítica sobre os fatores psicossociais que contribuem para a desigualdade de prazer entre os gêneros. Conforme defendido por Souza (2019), o bem-estar sexual está diretamente relacionado à saúde emocional das mulheres, sendo fundamental reconhecer e intervir nas barreiras que limitam o acesso das mulheres a uma sexualidade plena e satisfatória. Ao abordar as especificidades da saúde sexual feminina, este estudo busca contribuir para a compreensão das dinâmicas que afetam o bem-estar emocional das mulheres e suas relações interpessoais. A

ausência de satisfação sexual tem consequências relevantes e, por isso, deve ser considerada nas práticas clínicas e nos programas de educação sexual (NUNES; ALMEIDA; COSTA, 2017).

Este trabalho está organizado da seguinte forma: no primeiro capítulo, são apresentados estudos que discutem a construção da sexualidade feminina e os tabus sociais que a envolvem; no segundo capítulo, é descrita a metodologia adotada, incluindo os critérios para a seleção dos materiais analisados; e, por fim, no terceiro capítulo, são apresentados e discutidos os principais achados da pesquisa bibliográfica, destacando-se as implicações psicossociais da desigualdade do prazer para a saúde e bem-estar das mulheres.

Ao propor essa investigação, pretende-se contribuir para o fortalecimento de práticas e políticas que promovam uma sexualidade mais justa, consciente e gratificante para as mulheres, rompendo com estigmas históricos e oferecendo subsídios para intervenções psicológicas mais efetivas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A compreensão histórica da sexualidade influenciou de maneira significativa as percepções e vivências sexuais de homens e mulheres. Durante séculos, a masculinidade esteve associada à expectativa de que os homens deveriam estar sempre dispostos para o ato sexual, tendo seu desejo naturalizado e legitimado socialmente (RODRIGUES, 2021; VIEIRA, 2016). Essa concepção, além de impor uma pressão sobre os homens para manterem um desempenho sexual idealizado, também afetou negativamente as mulheres nos relacionamentos. Muitas vezes, espera-se que a mulher priorize as necessidades do parceiro, desconsiderando seus próprios desejos e tempos individuais, o que reforça desigualdades nas relações conjugais (NUNES, ALMEIDA & COSTA, 2017). Esse cenário contribui para a secundarização do prazer feminino, afetando sua saúde emocional e promovendo impactos psicológicos relevantes (SOUZA, 2019; LOPES, 2020).

A sexualidade feminina é influenciada por uma multiplicidade de fatores que se entrelaçam, incluindo dimensões biológicas, hormonais, culturais e subjetivas. O comportamento e a satisfação sexual estão vinculados a elementos como personalidade, autoconceito, autocuidado e autoestima, além de construções sociais que atribuem diferentes significados ao prazer de acordo com o gênero (MIORALLI; DIAS-VIANA; NORONHA, 2023). A construção social da sexualidade feminina é, frequentemente, atravessada por estereótipos e desinformações que limitam a autonomia da mulher sobre seu corpo e prazer (VIEIRA, 2016). Essa limitação é reforçada por discursos religiosos, educacionais e midiáticos, nos quais determinadas interpretações perpetuam uma visão reduzida e reprodutiva da sexualidade da mulher.

Ao longo da história, essas influências culturais moldaram percepções distintas entre os gêneros. A masculinidade foi associada à ideia de disponibilidade sexual constante, enquanto a mulher foi condicionada à passividade e à priorização das necessidades do parceiro (RODRIGUES, 2021; VIEIRA, 2016). Tais padrões contribuíram para a secundarização do prazer feminino nas relações, afetando diretamente a saúde emocional das mulheres (SOUZA, 2019; LOPES, 2020).

Ainda que a sexualidade feminina seja objeto de debates nas políticas públicas, o foco tem recaído sobre aspectos patológicos. O Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (PNPM) associa a sexualidade a problemas como violência sexual, infecções sexualmente transmissíveis e saúde reprodutiva, mantendo ênfase em práticas remediativas (SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES, 2013). Essa abordagem indica a necessidade de ampliar o entendimento sobre a sexualidade feminina para além da prevenção e do risco, incorporando o prazer como uma dimensão legítima da saúde.

A educação sexual desempenha papel central na formação de percepções sobre o prazer. De modo geral, ela tem sido conduzida com enfoque reprodutivo e preventivo, negligenciando o autoconhecimento e o bem-estar (CARVALHO; AMARAL, 2019). Essa lacuna contribui para a manutenção de estereótipos e para o desconhecimento do próprio corpo por parte de muitas mulheres, o que impacta a manifestação de seus desejos e a qualidade das relações (RODRIGUES, 2021). De acordo com Nunes, Almeida e Costa (2017), uma educação sexual inclusiva pode promover o empoderamento feminino, reduzir os efeitos dos tabus e fortalecer o reconhecimento do prazer como um direito.

A desigualdade de prazer sexual entre homens e mulheres tem repercussões importantes na saúde mental das mulheres. A insatisfação sexual pode estar associada a baixa autoestima, ansiedade, sintomas depressivos e dificuldades nos relacionamentos conjugais (LOPES, 2020; SOUZA, 2019). Além disso, a desigualdade do prazer pode resultar na perpetuação de relacionamentos desequilibrados, onde o foco permanece nas necessidades masculinas, gerando insatisfação e até mesmo disfunções sexuais, como anorgasmia e desejo sexual hipoativo. A longo prazo, essas dificuldades podem desencadear problemas de confiança, insegurança e diminuição da intimidade, tornando-se um fator de risco para separações e divórcios (CARVALHO & AMARAL, 2019). O impacto também se reflete no nível de prazer e conexão emocional dentro do relacionamento, uma vez que o prazer sexual desempenha um papel essencial na estabilidade e satisfação conjugal. Além dos impactos individuais e relacionais, a desigualdade do prazer reflete uma questão estrutural que reforça o silenciamento das mulheres sobre sua própria sexualidade. Quando o prazer feminino é negligenciado ou considerado secundário, perpetua-se a ideia de que a mulher deve se conformar com uma

vivência sexual insatisfatória, o que pode desencorajar diálogos abertos e a busca por soluções (RODRIGUES, 2021).

3 METODOLOGIA

Este trabalho constituiu-se em uma revisão bibliográfica, com o objetivo de investigar a desigualdade do prazer entre homens e mulheres. A pesquisa bibliográfica é um método de investigação que utiliza fontes teóricas já publicadas para fundamentar e sustentar a compreensão de um determinado problema de pesquisa. Ela é útil em contextos nos quais se busca sintetizar conhecimentos prévios e fornecer um panorama amplo sobre o tema, permitindo ao pesquisador identificar lacunas e consolidar informações a partir de diferentes autores. Essa modalidade possibilita uma análise aprofundada e crítica sem a necessidade de coleta de dados empíricos, contribuindo para a formação de bases teóricas estruturadas (LAKATOS & MARCONI, 2017). Além disso, conforme Gil (2019), a pesquisa bibliográfica viabiliza o acesso a um vasto conjunto de informações, promovendo o embasamento para análises conceituais, históricas e comparativas. Dessa forma, ao oferecer uma visão consolidada sobre o objeto de estudo, essa metodologia se mostra adequada para trabalhos exploratórios e revisões teóricas.

Este método foi escolhido por permitir uma análise crítica e aprofundada sobre as teorias, estudos empíricos e reflexões existentes na literatura acadêmica relacionada ao tema, possibilitando a identificação de lacunas e avanços sobre a temática da desigualdade do prazer sexual. A revisão bibliográfica oferece uma visão ampla e integrada das diversas abordagens que tratam das experiências e percepções de prazer, além de explorar as implicações para a saúde emocional e os contextos de intervenções psicológicas (CARVALHO & AMARAL, 2019; LOPES, 2020; SOUZA, 2019).

3.2 Procedimentos de Coleta de Dados:

A coleta de dados foi realizada por meio da seleção de publicações identificados nas bases de dados foi realizado nos seguintes bancos de dados no mês de Maio de 2025 : SciELO Google Scholar, Oxford Academic, Scientific Electronic Library Online (SciELO), Portal de Periódicos CAPES e Periódicos

Eletrônicos de Psicologia (PePSIC) . A leitura inicial teve o objetivo de identificar os estudos que melhor atendiam aos critérios de inclusão definidos.

O processo de pesquisa bibliográfica envolveu a seleção de materiais que contribuíram para o objeto de estudo. A seguir, são apresentados os critérios adotados que compuseram a base de estudos. Os descritores selecionados para a pesquisa incluíram “sexualidade feminina”, “prazer”, “psicologia” e “educação sexual”.

Foram incluídos artigos acadêmicos publicados entre 2020 e 2024, que abordaram a temática da desigualdade do prazer sexual entre homens e mulheres, com foco em suas implicações para a saúde emocional, relações conjugais e intervenções psicológicas. O estudo focou em pesquisas que trataram de questões como diferenças de expectativas e percepções de prazer, tabus sociais e culturais sobre a sexualidade feminina e educação sexual, abrangendo áreas como psicologia e psicologia social. Estudos que apresentaram uma abordagem voltada para a saúde da mulher e intervenções psicológicas relacionadas à sexualidade feminina receberam prioridade. Foram excluídos estudos que abordavam a sexualidade sem relação direta com satisfação e prazer sexual ou que não estavam disponíveis na língua portuguesa.

Dos 16 artigos encontrados, 3 foram excluídos após a leitura crítica por não abordarem diretamente os aspectos psicossociais do prazer feminino: um com foco farmacológico, um voltado à qualidade de vida de idosas e outro com conteúdo superficial.

3. 2 Análise dos Dados:

A seleção dos textos incluiu 16 artigos científicos, todos em língua portuguesa, publicados entre 2020 e 2024, obtidos em bases como SciELO, PePSIC, Google Acadêmico e outras fontes confiáveis de literatura científica. Todos os textos abordam, de maneira direta, temas relacionados à sexualidade feminina, desigualdade do prazer e aspectos psicossociais envolvidos.

O processo de análise dos dados nesta revisão bibliográfica seguiu os princípios descritos por Bardin (2016), com foco na identificação de ideias centrais e construção de eixos interpretativos recorrentes nos estudos analisados. Foram realizadas leituras exploratórias para familiarização com os textos, seguidas pela extração das principais contribuições de cada artigo e sua posterior síntese à luz dos objetivos da pesquisa. Essa abordagem favorece uma compreensão ampla e crítica dos achados, promovendo conexões entre os autores e permitindo a visualização de padrões e lacunas no conhecimento produzido sobre o tema.

Com base nesse processo, emergiram três principais eixos interpretativos que orientaram a discussão dos resultados: (a) Empoderamento e educação sexual; (b) Repressão sociocultural do prazer; (c) Impactos emocionais da desigualdade no prazer sexual.

4 RESULTADOS

Ao todo, foram identificados 16 artigos dentro dos critérios estabelecidos, sendo 3 excluídos por não se adequarem ao foco temático deste trabalho. Assim, 13 artigos compuseram o corpus final analisado, categorizados conforme descrito anteriormente.

Tabela 1- Distribuição do resultado da pesquisa nas bases de dados

Bases	Quantidade de artigos	Duplicidade	Excluídos	Total aproveitado
SciELO	9	0	1	8
PePSIC	2	0	0	2
Google Acadêmico	5	0	2	3
Total	16	0	3	13

Fonte: Elaborado pela autora

No quadro a seguir estão descritos os artigos resultantes da busca e que foram utilizados na discussão dos resultados.

Quadro 1 – Artigos utilizados na análise de resultados

Títulos dos artigos	Autoria	Revista	Ano
Religião, repressão e prazer: conflitos na sexualidade feminina	Costa & Oliveira	Revista de Psicologia e Saúde	2023
Sexualidade e saúde mental: impactos da ausência de prazer	Gomes & Vieira	Psicologia: Teoria e Prática	2022
Análise temática em pesquisas qualitativas	Gomes, L. A. S.	Revista Brasileira de Psicologia Social	2020

Relações de gênero e poder no contexto das IST	Tavares, C. M. M.; Alves, R. F.; Nascimento, E. F.; Oliveira, A. C.	Interface – Comunicação, Saúde, Educação	2022
Educação sexual inclusiva e empoderamento	Mendes et al.	Estudos de Psicologia (Natal)	2021
Dor versus prazer: a sexualidade na performance de mulheres	Amaral, T. C.	Revista Brasileira de Estudos da Performance (BEP)	2024
“É o meu prazer”: fatores subjetivos em relações prolongadas	Martins, L. B.; Freitas, K. S.	Revista Sessão Psicologia	2022
Saúde sexual feminina e empoderamento da mulher	Silva & Arruda	Research, Society and Development	2021
Representações midiáticas e sexualidade feminina	Silva & Santos	Revista Brasileira de Estudos da Sexualidade	2023
Corpo e prazer: a construção social da sexualidade feminina	Vieira, A. C.	Psicologia & Sociedade	2016
Intervenções em educação sexual: importância do prazer	Aguiar, A. C. B.; Oliveira, C. M. F.	Revista Brasileira de Psicodrama	2022
Atividades prazerosas e saúde mental	Silva, R. S.; Lima, J. D.	Revista Brasileira de Terapias Cognitivas	2023

Educação sexual, saúde e prazer em contexto clínico	Mendes, A. G.; Rocha, D. R.; Carvalho, E. B.	Revista da Abordagem Gestáltica	2020
---	--	---------------------------------	------

Fonte: Elaborado pela autora.

5 DISCUSSÃO

Com base no método de análise de conteúdo proposto por Bardin (2016), foi possível identificar núcleos de sentido recorrentes entre os estudos selecionados para esta revisão bibliográfica, possibilitando uma compreensão aprofundada sobre como a desigualdade do prazer feminino tem sido abordada na literatura científica. Essa abordagem permitiu sintetizar as ideias centrais de cada pesquisa e destacar padrões, tensões e contribuições singulares a partir de diferentes perspectivas teóricas e empíricas.

Os estudos analisados neste trabalho investigaram, de forma geral, a construção social da sexualidade feminina, os fatores psicossociais que dificultam o acesso das mulheres ao prazer e os impactos emocionais decorrentes dessa desigualdade. Com base nas leituras, observou-se que ainda é comum a priorização do prazer masculino e a ausência de uma educação sexual que valorize o autoconhecimento feminino (MENDES et al., 2021).

Mendes et al. (2021) realizaram uma revisão bibliográfica com enfoque na inclusão do prazer feminino nas propostas de educação sexual, evidenciando como a ausência dessa abordagem contribui para o desconhecimento do corpo e para a perpetuação das desigualdades de gênero. As autoras destacam a importância da educação sexual como estratégia de promoção do autoconhecimento e do empoderamento feminino.

Gomes e Vieira (2022) conduziram uma pesquisa qualitativa com mulheres heterossexuais adultas, utilizando entrevistas clínicas para investigar a ausência de prazer e seus efeitos na saúde mental. Os resultados apontaram que a baixa autoestima, angústia e repressão emocional estavam entre os principais fatores associados à falta de prazer sexual, reforçando a centralidade desse aspecto no bem-estar emocional das mulheres.

Embora ambos os estudos identifiquem a ausência de prazer como um problema estrutural, eles divergem no foco de suas análises. Enquanto Mendes et al. (2021) enfatizam a prevenção por meio da educação sexual inclusiva, Gomes e Vieira (2022) destacam as consequências emocionais e psicológicas do silenciamento do prazer, propondo a clínica como espaço de reparação subjetiva. Essa

complementaridade sugere que o enfrentamento da desigualdade sexual exige tanto medidas educativas quanto acolhimento terapêutico.

O estudo intitulado “É o meu prazer”: fatores subjetivos implicados em mulheres em relacionamentos prolongados (TAVARES et al., 2022) investigou, por meio de entrevistas qualitativas com mulheres em relacionamentos longos, como o prazer é vivenciado e condicionado dentro das relações afetivas heterossexuais. Os resultados mostraram que sentimentos de culpa, pressão por desempenho e falta de comunicação são barreiras recorrentes na busca por uma sexualidade satisfatória, além de evidenciar a priorização do desejo do parceiro.

Esse estudo dialoga com os achados de Gomes e Vieira (2022), ao evidenciar que os relacionamentos conjugais são espaço de reprodução de desigualdades sexuais, mas se diferencia ao colocar o foco na dinâmica cotidiana das relações, sobretudo nos casamentos de longa duração. Tavares et al. (2022) apontam que a manutenção dessas relações sem diálogo sobre o prazer contribui para o apagamento da subjetividade feminina, mesmo em contextos de estabilidade afetiva.

Silva e Arruda (2021) realizaram uma revisão teórica voltada à saúde sexual feminina em contextos de empoderamento. As autoras destacam que, apesar dos avanços nos discursos sobre autonomia, o prazer continua sendo negligenciado nas relações íntimas e atendimentos em saúde, o que contribui para o silenciamento de uma dimensão essencial da sexualidade.

Costa e Oliveira (2023), ao estudarem mulheres em situação de vulnerabilidade social, ampliam essa crítica ao evidenciar que o acesso ao prazer é ainda mais limitado quando intersectado por fatores econômicos, religiosos e institucionais. Ambas as produções concordam quanto ao apagamento do prazer na saúde sexual feminina, mas diferem nos contextos analisados: Silva e Arruda (2021) tratam da negligência institucional generalizada, enquanto Costa e Oliveira (2023) evidenciam como essa negligência se intensifica em grupos mais marginalizados.

Uma revisão teórica realizada por Gomes e Vieira (2022) discutiu como o prazer é raramente contemplado nas propostas de educação sexual. O estudo aponta que o tema ainda é cercado por tabus, e sua exclusão das práticas pedagógicas contribui

para o desconhecimento do próprio corpo e para a perpetuação da desigualdade sexual.

Em uma pesquisa qualitativa realizada por Moura et al. (2022) com mulheres usuárias de serviços públicos de saúde, investigou-se como as desigualdades de gênero e poder afetam a autonomia sexual e o direito ao prazer. Os dados revelaram que a vulnerabilidade feminina às ISTs está fortemente relacionada à dificuldade de expressar desejos e impor limites nas relações afetivas e sexuais.

O estudo qualitativo de Silva & Lara (2024) abordou as tensões entre dor e prazer nas experiências sexuais de mulheres. A pesquisa revelou que, para muitas participantes, o sexo é vivido com desconforto, sensação de obrigação e ausência de prazer, mostrando que as experiências sexuais femininas têm sido, historicamente, permeadas por tensões, desconexões subjetivas e ausência de reciprocidade emocional. (SILVA; LARA, 2024).

Outro estudo de natureza quantitativa, de Silva e Santos (2023), investigou a relação entre a prática de atividades prazerosas e a saúde mental. Apesar de não se restringir à sexualidade, os resultados indicam que vivências prazerosas, inclusive sexuais, atuam como fator protetivo importante no equilíbrio emocional, especialmente em mulheres.

A partir de uma pesquisa qualitativa, Costa e Oliveira (2023) analisaram o contexto de trabalhadoras sexuais durante a pandemia e observaram uma dissociação significativa entre a experiência sexual e a vivência do prazer. As autoras identificaram que o contexto socioeconômico impacta diretamente a forma como essas mulheres percebem e se relacionam com sua própria sexualidade.

Por fim, Vieira (2016) desenvolveu uma análise teórica da construção social da sexualidade feminina, com foco nos efeitos do controle moral e histórico exercido sobre o corpo das mulheres. A autora defende que a sexualidade feminina, quando desvinculada do prazer, torna-se um instrumento de opressão e apagamento subjetivo.

Os achados da pesquisa indicam que as barreiras ao prazer feminino são multifatoriais, resultando de interações complexas entre aspectos educacionais,

relacionais, socioculturais e emocionais. Essas dimensões se manifestam simultaneamente na vida das mulheres e não podem ser compreendidas de forma isolada. A ausência de educação sexual sobre o prazer (dimensão educacional), por exemplo, pode reforçar padrões desiguais nos relacionamentos (dimensão relacional) e afetar a autoestima e a saúde mental (dimensão emocional), o que evidencia uma cadeia de consequências interligadas.

Essa interpretação evita uma conclusão precipitada ao reconhecer a interdependência entre os fatores analisados, demonstrando que a desigualdade do prazer não é produto de uma causa única, mas de um sistema de opressões históricas e subjetivas que operam em diferentes níveis.

Esses achados evidenciam que a desigualdade do prazer é um reflexo de estruturas sociais mais amplas, que atravessam o corpo, o psiquismo e a cultura. A discussão, portanto, deve ultrapassar o âmbito privado e ser incorporada nas práticas clínicas e nas políticas públicas de saúde, a fim de promover uma sexualidade mais consciente, autônoma e satisfatória para as mulheres (GOMES, 2020).

6 CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho foi investigar, por meio de uma revisão bibliográfica, os fatores que contribuem para a desigualdade do prazer sexual entre homens e mulheres, com ênfase na sexualidade feminina e suas implicações psicossociais. A partir da análise de diferentes produções científicas, identificou-se que essa desigualdade é atravessada por construções históricas, sociais e emocionais que silenciam ou limitam a vivência do prazer pela mulher.

Os achados da investigação indicam que as barreiras ao prazer feminino estão organizadas em quatro grandes eixos: (1) educacionais, com destaque para a ausência de conteúdos sobre prazer nas práticas de educação sexual (CARVALHO; AMARAL, 2019); (2) relacionais, envolvendo dinâmicas conjugais marcadas por culpa, falta de diálogo e priorização do prazer masculino (GOMES; VIEIRA, 2022); (3) socioculturais, onde estereótipos de gênero e desigualdades de poder impactam diretamente a vivência da sexualidade (SILVA; ARRUDA, 2021; TAVARES et al., 2022); e (4) emocionais, relacionados à autoestima, ansiedade e repressão de desejos (SOUZA, 2019; LOPES, 2020). Esses fatores se entrelaçam e revelam que o prazer feminino, embora seja parte da saúde integral, continua sendo negligenciado em diversas esferas.

A contribuição deste trabalho para a Psicologia está na ampliação do debate sobre o prazer como um direito e um aspecto legítimo da subjetividade feminina. Ao reunir estudos que abordam a sexualidade sob diferentes perspectivas, o presente trabalho oferece subsídios para que psicólogas(os) reflitam criticamente sobre sua atuação clínica e educativa, reconhecendo os impactos que o silenciamento do prazer pode ter na saúde mental das mulheres. Além disso, reforça a necessidade de práticas psicoterapêuticas que promovam a autonomia, o autoconhecimento e o empoderamento feminino no campo da sexualidade e a promoção de estudos futuros com pesquisa de campo, seja de natureza quantitativa ou qualitativa, para complementar as lacunas aqui apontadas.

Conclui-se, portanto, que discutir a desigualdade do prazer sexual é fundamental não apenas para transformar relações interpessoais, mas também para promover intervenções mais sensíveis, humanas e coerentes com os princípios de equidade de gênero. Cabe à Psicologia integrar esse tema em suas múltiplas áreas de atuação, contribuindo para uma sociedade que reconheça o corpo e o desejo feminino como partes legítimas da experiência humana.

Uma das principais limitações deste estudo foi o caráter restritivo da pesquisa bibliográfica, que impossibilitou a realização de coleta de dados empíricos, os quais poderiam ter enriquecido a compreensão sobre as vivências subjetivas das mulheres em relação ao prazer sexual.

Outra limitação está relacionada à dependência de materiais disponíveis em bases de dados virtuais, o que pode ter restringido o acesso a produções acadêmicas mais recentes ou que ainda não foram publicadas em periódicos indexados.

Por fim, destaca-se que, embora a revisão tenha priorizado estudos realizados no Brasil, visando contextualizar a análise à realidade sociocultural nacional, algumas contribuições internacionais relevantes não puderam ser incorporadas, dada a delimitação da pesquisa.

Estudos futuros de natureza quantitativa com medidas objetivas podem complementar as lacunas apontadas e trazer contribuições para entendimento do fenômeno estudado. Além disso, as lacunas dos estudos indicam que protocolos de intervenções focadas nas questões de gênero podem ser importantes para práticas psicológicas e/ou de saúde.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2016.

CARVALHO, A. P.; AMARAL, S. F. Educação sexual inclusiva: a importância do empoderamento feminino no contexto educacional. *Revista de Educação Sexual*, v. 3, n. 1, p. 45–60, 2019.

COSTA, J. L.; OLIVEIRA, R. A. G. Religião, repressão e prazer: conflitos na sexualidade de mulheres evangélicas. *Revista Psicologia e Saúde*, v. 15, n. 1, p. 93–108, 2023.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GOMES, A. F.; VIEIRA, L. C. Sexualidade e saúde mental: impactos da ausência de prazer em mulheres heterossexuais. *Psicologia: Teoria e Prática*, v. 24, n. 3, p. 45–61, 2022.

GOMES, L. A. S. Análise temática em pesquisas qualitativas: aplicação prática na psicologia social. *Revista Brasileira de Psicologia Social*, v. 9, n. 1, p. 22–35, 2020.

LOPES, M. R. Dinâmicas emocionais e sexuais nas relações de gênero. *Psicologia em Foco*, v. 6, n. 2, p. 88–102, 2020.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de metodologia científica. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MENDES, A. G. et al. Educação sexual inclusiva e empoderamento: uma análise com adolescentes. *Estudos de Psicologia (Natal)*, v. 26, p. e44682, 2021.

MOURA, S. L. O.; SILVA, M. A. M.; MOREIRA, A. C. A.; PINHEIRO, A. K. B. *Relações de gênero e poder no contexto das vulnerabilidades de mulheres às IST*. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v. 26, supl. 1, e210546, 2022.

NUNES, C. M.; ALMEIDA, L. F.; COSTA, P. S. Saúde sexual feminina: desafios e perspectivas no contexto clínico. *Revista Brasileira de Psicologia Clínica*, v. 12, n. 3, p. 122–139, 2017.

RODRIGUES, G. P. A sexualidade feminina e as barreiras para o prazer: uma análise sociocultural. *Estudos sobre Gênero e Sexualidade*, v. 8, n. 2, p. 33–48, 2021.

SILVA, A. C. S.; ARRUDA, J. T. Saúde sexual feminina em tempos de empoderamento da mulher. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 7, e16410716377, 2021.

SILVA, A. R.; LARA, A. H. *Dor versus prazer: a sexualidade na performance de mulheres*. Revista Brasileira de Estudos da Performance, v. 12, n. 1, 2024.

SILVA, M. J.; SANTOS, A. L. Representações midiáticas e sexualidade feminina: limites e possibilidades na promoção do prazer. Revista Brasileira de Estudos da Sexualidade, v. 11, n. 2, p. 55–70, 2023.

SOUZA, T. F. Intervenções psicológicas na sexualidade feminina: perspectivas clínicas. Revista Brasileira de Psicologia, v. 15, n. 2, p. 99–110, 2019.

TAVARES, C. M. M.; ALVES, R. F.; NASCIMENTO, E. F.; OLIVEIRA, A. C. Relações de gênero e poder no contexto das vulnerabilidades de mulheres às IST. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v. 26, supl. 1, e210546, 2022.

VIEIRA, A. C. Corpo e prazer: a construção social da sexualidade feminina. *Psicologia & Sociedade*, v. 28, n. 1, p. 9–20, 2016.